

Divinos, sob a direção de Altos Espíritos; que a escola Kardec-Roustaing tende a universalizar-se e servir de base a todo o edifício do futuro. Deus abençoa e ampara Seus grandes Missionários.

VI

ARGUMENTOS ILÓGICOS

Até agora temos apresentado os argumentos que provam haver sido Jesus um Agênere, poderíamos dizer, o mais sublime Agênere de que se tem notícia, mas não refutámos os argumentos dos que negam o fato. Vamos hoje examinar o que se tem escrito contra.

1º) Kardec disse que não era impossível, mas teríamos que aguardar a confirmação do fato.

E' o único argumento sério que conhecemos, não contra, mas pondo de reserva a afirmação dos Espíritos que revelaram a natureza excepcional do corpo de Jesus. Argumento provisório que teria de ser confirmado ou negado pelos Espíritos nos tempos futuros, depois de Kardec. Os Espíritos já confirmaram que Jesus foi um Agênere e dentre os Espíritos o mesmo Kardec, comunicando-se pela médium Zilda Gama, confirmou a revelação apresentada a Roustaing. Desfeita pelo tempo a judiciosa reserva de Kardec, vejamos o que dizem outros.

2º) Jesus foi dado por Deus aos homens como modelo de conduta a ser imitado, portanto, tinha que ser um homem de carne e ossos como nós, pois de outra forma não poderia servir-nos de modelo; não poderíamos imitar um anjo; teríamos que imitar um homem.

Este argumento é totalmente materialista e revela a inferioridade dos Espíritos que o inspiram aos seus médiuns. A criatura não é um corpo de carne e ossos, é um Espírito, e, com ou sem corpo, ela continua sendo Espírito. Em corpos de carne e ossos podem aparecer os maiores monstros ou os mais sublimes santos, os gênios do mal que flagelam a Humanidade ou os do bem que projetam luz no caminho do progresso. Mesmo que tivesse um corpo de carne e ossos como os nossos, Jesus seria sempre o mesmo Espírito sublime, não teria como nós os arrastamentos para o mal e seria levado sempre à prática do bem. Logo, ele é nosso modelo espiritual, alvo longínquo a atingirmos, mas não um homem como nós, porque sua superioridade é imensa em comparação conosco. Quem supõe com esse raciocínio que ele não poderia ser nosso modelo sem possuir um corpo como o nosso, supõe igualmente que para ser nosso modelo ele deveria ter todas as nossas paixões inferiores e saber vencê-las. Mas ninguém crê que ele tivesse as nossas paixões, de Espíritos inferiores que somos, ou que, ten-

do-as, tivesse forças de vencê-las sempre e agir de modo sublime. Portanto, negam, sem o perceber, que ele possa ser nosso modelo. Se a questão fosse sómente de corpo, como supõe esse grosseiro argumento materialista, indigno de qualquer espírita, a conclusão seria que os Espíritos desencarnados não têm as nossas paixões inferiores, que estas morrem com o corpo. Nada mais contrário aos princípios elementares dos fatos, e da Doutrina, porque sabemos que os ebrios, os concupiscentes, os vingativos, depois de mortos, tendem a ser obsessores e a levar seus médiuns a praticar os mesmos vícios, isto é, a satisfazerem às suas paixões com o organismo dos seus obsidiados.

Esse arrazoado é filho do materialismo inconsciente que só conceberia o Espírito perfeito, tornando-se milagrosamente perfeito pelo desaparecimento do corpo. Houve, realmente, quem pensasse que os Espíritos tudo sabem, tudo podem, que são seres sobrenaturais; mas o Espiritismo, com a linguagem indestrutível dos fatos, veio lançar por terra tal pensamento e mostrar-nos Espíritos com todos os defeitos ou com todas as virtudes dos homens.

Não se baseia em nenhum texto evangélico esse falso aforismo, não tem apoio nos fatos, não é lógico, é mera suposição ignorante, não passando mesmo de simples e ilógico palpite. Nada absolutamente vale, senão para crianças

espirituais, incapazes de raciocinar com um pouco de senso.

3º) O Evangelho afirma que Jesus praticava atos materiais, como tomar alimentos e bebidas, e não é justo supor que tais atos eram apenas aparentes e não reais; ele nos estaria enganando.

Igualmente nulo este raciocínio, pois que o Evangelho e os Atos dos Apóstolos nos declaram que, depois de *morto* e ressuscitado, Jesus praticava esses mesmos atos materiais: comeu peixe na praia, partiu o pão com os discípulos, em Emaús, mandou que Tomé lhe metesse o dedo e a mão nas chagas para provar que seu corpo tinha toda a consistência. Logo, se o corpo com que morreu na cruz fôsse material; pelo menos o segundo corpo, com o qual aparecia depois de sepultado, seria o de um Agênere. Era precisamente o mesmo corpo antes e depois da morte aparente, afirmou-o ele próprio. Com esse corpo, antes da morte, ele andou sobre as águas, desapareceu do meio dos seus perseguidores; depois da morte apareceu num recinto fechado, falou, comeu, partiu pão. Porque então evocam tal argumento os adversários do Espiritismo? Parece que procuram o Evangelho apenas para se contradizerem grosseiramente diante dos textos. E' novamente um argumento inspirado por Espíritos atrasados, de base materialista, próprio para pessoas que não crêem no reappa-

recimento de Jesus depois da morte, argumento destruído pelo Novo Testamento e pelo testemunho dos que trataram pessoalmente com Jesus. Novamente se nos depara, pois, um raciocínio de valor nulo.

4º) Jesus dizia-se a cada passo filho do homem; sofreu bofetadas, açoites, crucificação e morte como homem. Se tudo isso foi apenas aparência, então teria ele representado uma farsa indigna de um Espírito superior.

Este argumento é muito parente do que acima numeramos como 2º.

Jesus era Espírito, e homem é Espírito. Ele não era um deus, um ser sobrenatural, porque era um Espírito humano como o somos, apenas muito mais adiantado do que nós. Sofreu, realmente, e mais intensamente do que um de nós sofreria, todas as ofensas físicas, porque seu corpo era muito mais sensível que o nosso. Inegavelmente, porém, ele não tinha os germens do mal que reside em nós, não se encolerizava, não desejava vingar-se; podia libertar-se do sacrifício, se o quisesse, mas não o quis. Poderia esmagar seus adversários tragicamente e não o fêz. Teve pavor do sacrifício, mas submeteu-se à vontade de Deus. Tudo isso que ele poderia ter feito, e não o fêz, dependia do Espírito, da sua força de vontade, e não do corpo. Mesmo que o seu corpo fôsse como os

nossos, seu poder espiritual era bastante para vencer ele seus algozes, se o desejasse, mas a sua missão era a de exemplificar com seu próprio sacrifício e ele a cumpriu rigorosamente.

Só o materialismo pode imaginar que o sofrimento tenha sua sede no corpo físico e que um corpo formado no momento, pelo Espírito, seja insensível. As materializações vieram provar que o Espírito materializado tem sensibilidade delicadíssima. Se é verdade que Jesus se proclama, várias vezes, Filho do homem, não é menos verdade haver ele declarado que tinha o poder de deixar a vida e retomar a vida quando queria (João, X:17 e 18), isto é, de desfazer e refazer o seu corpo, pois que os seus ouvintes só concebiam a vida do corpo, como ainda hoje a maioria da Humanidade só assim a concebe. Não só disse, mas o fêz diante de todos, porque reapareceu de pé, com o mesmo corpo, depois de sepultado. Assim, nada vale igualmente este quarto argumento. E, depois deste, os inimigos da Doutrina só apresentam insultos, expressões coléricas contra a obra de Roustaing, isto é, demonstram pela sua irritação qual é a natureza dos Espíritos que lhes inspiram o combate contra o grande Missionário, contemporâneo e colaborador de Kardec.

Vamos concluir este capítulo. Os argumentos contra a revelação feita a Roustaing, quanto ao corpo de Jesus, nada valem. Decorre dos

Evangelhos e outros livros da Bíblia que Jesus foi um Agênere, e, para negar o fato, é necessário negar a Bíblia. Como a codificação kardeciana não nega a Bíblia, mas, ao contrário, a confirma e cita versículos do Velho e do Novo Testamento em abono da Terceira Revelação, enumerando o Velho Testamento como a primeira, o Novo Testamento como a segunda e o Espiritismo como a Terceira Revelação, quem nega que Jesus tenha sido um Agênere nega também a codificação kardeciana, não é espírita.

Além de negar a codificação, quem se insurge contra a obra de Roustaing levanta-se contra uma grande obra mediúnica, e, como a mediumidade é a fonte da qual decorre o Espiritismo, tal negador lança a dúvida sobre essa mesma fonte, é um inimigo da Doutrina, mesmo que por outras palavras afirme o contrário. Consciente ou inconscientemente tal pessoa está trabalhando contra o Espiritismo, isto é, contra as três Revelações.

Se os inimigos de Roustaing, do mesmo modo que os adversários da prece, triunfassem, o Espiritismo se transformaria logo em simples experimentação metapsiquista sem finalidade alguma e já não teria sequer o direito de chamar-se Espiritismo, porque esta palavra foi cunhada por Allan Kardec para nomear um corpo de Doutrina que se baseia nos dois Tes-

tamentos da Bíblia e nas comunicações mediúnicas e recomenda a prece, em perfeita concordância com as três Revelações.

Pareceu-nos conveniente incluir aqui os que condenam a prece, juntamente com os que proíbem o estudo da obra de Roustaing, porque na verdade pertencem à mesma categoria de inimigos do Espiritismo: dizem-se espíritas, frequentam grupos espíritas, escrevem em jornais espíritas, mas vão consciente ou inconscientemente tentando minar os fundamentos de toda a obra de Kardec, obra que se assenta sobre a Bíblia e sobre as comunicações mediúnicas.

A um exame menos profundo, parece que estes dois pontos não são vitais e causa admiração a veemência com que esses inimigos da nossa Doutrina investem contra Roustaing e a prece; mas, examinando-se mais detidamente, comprehende-se que se trata de questões básicas e que tais inimigos são diabólicamente inteligentes em seu processo de minar a obra toda do Mestre. Nos países onde eles conseguiram triunfar contra a prece e contra a obra de Roustaing, todo o edifício caiu, está por terra e não sabemos quando se reerguerá.

Não desejamos impor nossas convicções a ninguém, mas pedimos ao estudioso que examine por si mesmo a marcha do Espiritismo na França, na Alemanha, na Bélgica, na Itália e

diga à sua própria consciência se o Espiritismo não desapareceu quase totalmente nesses países e se quem o destruiu foram os inimigos externos — materialistas, clero, e outros — ou se foram esses inimigos internos que começaram por atacar a grande obra mediúnica de Collignon, publicada por J. B. Roustaing, lançando o descrédito sobre a mediunidade em geral, e sobre a prece, recomendada por Moisés, pelo Cristo e por Allan Kardec.

Ao defendermos a obra de Roustaing e a prece, estamos defendendo a vida mesma da Doutrina. O leitor inteligente e estudioso aprofunde-se no assunto e virá cerrar fileiras conosco, se realmente amar a Doutrina e sentir que ela é a única salvação possível para a sociedade humana.
